

DANÇA E CIÊNCIA: UMA REFLEXÃO PRELIMINAR ACERCA DE SEUS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS¹

ELENA MORAES GARCIA

Professora Titular de Filosofia do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

HELENITA SÁ EARP

Professora Emérita de Dança da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ADALBERTO RAMON VIEYRA

Professor Titular de Biofísica e Fisiologia Celular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ANA CÉLIA SÁ EARP

Professora Adjunta da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ANDRÉ MEYER ALVES DE LIMA

Professor Assistente da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorando PEGED / IBqM (UFRJ)

RESUMO

O artigo expõe os princípios filosóficos da concepção da teoria da dança, proposta pela Professora Emérita em Dança, Helenita Sá Earp, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O artigo tem por objetivo mostrar que a dança, por sua natureza intrínseca como ciência integral, possui um corpo de conhecimento amplo, envolvendo eixos abertos e vários aspectos da corporeidade humana, numa integração entre princípios científicos, artísticos e educacionais. Por suas definições e parâmetros: Dança é a primeira manifestação do Universo; Dança é a capacidade de transformar qualquer movimento do corpo em arte; Dança é uma em sua essência e diversa em suas emanências.

ARTIGO

A dança é a primeira manifestação do universo. O uno ao se derramar em versos “cria o universo. A unidade, a qualidade gerando as quantidades. Os valores gerando os fatos. A vibração se concretizando em vários vivos. A vibração cósmica se materializando. A dança cósmica surge da potência original inderivada para as diversas potencialidades que, num processo sem fim, define as diferentes formas de vida, os vivos. Tudo no universo tem dança. Tudo no universo está em dança. O demiurgo, ao se poetizar em criaturas, gera o movimento harmônico, pleno, intenso, bom e belo. Não há ação que venha diretamente desta causa primordial de todos os fenômenos que não esteja em dança. O Universo está sempre sendo e produzindo a dança cósmica. Este é o verdadeiro estado criador, onde o infinito se materializa em infindáveis finitos.

O ser humano foi criado à imagem e semelhança deste princípio da unidade na diversidade. No seu profundo ser, é uno e, no seu externo agir, é múltiplo. A partir deste uno, não há limites para o múltiplo,

¹ Este artigo faz parte da pesquisa desenvolvida pelo Projeto: “Vida, Corpo, Movimento e Criação: fundamentos filosóficos presentes nas concepções de dança de Helenita Sá Earp”, contemplado com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa Carlos Chagas Filho - FAPERJ/Edital Humanidades - 2008. Organizadores: Prof.^a Adjunta Ana Célia Sá Earp; Professor Assistente André Meyer Alves de Lima (Dança) EEFD-IBqM/UFRJ e Professor Titular Adalberto Ramon Vieyra (Ciências Biológicas) IBCCF/UFRJ. Coordenação geral, organização e revisão da Prof.^a. Titular Elena Moraes Garcia - IFCH/ UERJ.

para as diversidades. A mais alta consciência do seu verdadeiro Eu pela intuição causa no homem um estado criador sem limites. O Eu, como fonte, transpassa sem barreiras o ego físico, mental e emocional. Assim, causa (Eu) e condição (Ego) se tornam um.

A concepção de uma fonte originária de todas as coisas não causa um niilismo na dança humana. Ao contrário, é o fator que permite uma intensificação plena de toda “extensificação”. Assim, qualificar a dança, no homem, requer um esvaziamento temporário de todos os condicionamentos e um abrir de todos os canais para que a causa de todas as coisas possa fluir, pois é neste estado de esvaziamento de todos os sentidos que surge a dança.

No mergulho em nosso íntimo ser, todas as existências se tornam plenas. E aquilo que é temporário se torna eterno. O verdadeiro e profundo processo de eternizar o efêmero é mergulhá-lo no todo, na origem, de onde há emergência e submersão sempre com intensa vitalidade. Portanto, sempre de maneira nova e sublime. Pois do infinito nada pode surgir como o mesmo. Buscar a profunda dança é ser capaz de mergulhar em si mesmo. Na sua mais íntima potência, para além de qualquer memória ou justaposição de movimentos.

A dança cósmica é inerente também a toda natureza extra-hominal. Pois o demiurgo só pode se manifestar em plenitude e beleza, em conhecimento e verdade, em graça sobre graça. Mas cada corpo tem sua potencialidade, pois o múltiplo possui diferentes estados de consciência que definem a sua existência em diferentes delimitações, gerando arquétipos - formas arquetípicas. Se no homem a liberdade permite esta relação entre fluxo e forma constantemente em seu estado pleno e máximo de consciência, a natureza extra-hominal se encontra determinada pelo instinto. Assim, a dança na natureza extra-hominal segue a alo-determinação pelo instinto, conforme e de acordo com seus estados de semiconsciência (animal) e inconsciência (mineral).

Deste modo, a natureza extra-hominal não pode modificar substancialmente o que está determinado. Neste caso, ela não participa como autodeterminante de sua dança, mas como reflexo da sabedoria, da vida universal. Entretanto, o homem que não é determinado pelo seu ego condicionado, se abre para o seu ilimitado Eu. Este homem atinge o estado superior de consciência, o estado intuitivo, onde o fluxo, o ilimitado, o uno, se corporificam sem cessar numa relação bipolar e complementar entre fluxo e forma.

O conhecimento da dança e sua ciência não podem ficar presos a uma lógica linear do pensamento positivista, deve abrir-se para a intuição e buscar o ser integral. Nesta visão, a dança, como linguagem artística, necessita de um corpo de conhecimento que procure fundamentar-se por eixos abertos, inerentes aos vários aspectos da corporeidade humana. Deste modo, uma ciência para a dança não deve se restringir a um positivismo-somático. Esta ciência deve procurar extrair princípios que possam dar suporte ao desenvolvimento da sensibilidade em interação com múltiplos aspectos mentais, a partir de um desvelar irrestrito da fisicalidade.

Este corpo de conhecimentos necessita abordar e integrar princípios das ciências naturais e humanas, ou seja, propiciar conexões, integrando aspectos da ciência, arte e educação. Mas integrar os aspectos de um conhecimento amplo e vasto da natureza humana só pode ser feito através da consciência de princípios que dão suporte à germinação de todos os fenômenos. Desta maneira estabelece-se organicamente uma relação entre princípios gerados e especificidades, assim como a interação e desdobramento destas especificidades entre si.

A proposta de nosso trabalho é de propor a dança como conhecimento amplo, isto é, que envolva uma “ciência da dança” cuja intuição seja o fundamento básico e o seu corpo de conhecimentos seja o suporte material, pressupondo o princípio da relatividade que significa a ausência de fixidez e de conhecimentos absolutos em si mesmos. Tudo isto tem que estar claro na própria formação do corpo teórico da dança e de sua *práxis*.

O primeiro princípio da dança é o do uno e do múltiplo. Ele pressupõe que todo fenômeno é resultante do infinito, é particularidade em si mesmo. Particularidade que em si mesma é transcendência, o infinito. Este, por sua vez, é imanente e transcendente ao fenômeno. Cada particularidade revela e vela o infinito. Ela revela porque é um aspecto do infinito e vela, porque ao ser um aspecto, é uma particularização do infinito, velando, deste modo a infinitude.

Este princípio do uno e do múltiplo é fundamental para estabelecer a seguinte definição: Dança é una na sua essência e diversa nas suas emanências. A dança, sendo uma relação entre o infinito e o finito, resulta na harmonia entre o intuir e o corporificar. Outra definição decorrente desta premissa: Dança é harmonia universal em movimento. Por esta razão, pode-se dizer que a dança está em constante processo de corporificação. Isto equivale a dizer que a dança está presente em qualquer movimento criado, desde que esta ação revele este estado de intensa interação, expressando a consciência do uno em todos os fenômenos. Nesta visão de dança não existe a dicotomia entre os conhecimentos científicos e humanos. Só pode existir o princípio da bipolaridade complementar onde toda multiplicidade é integrada entre si, visto que sua origem é una.

O princípio do uno e da diversidade faz a dança emergir como capacidade de transformar qualquer movimento do corpo em arte. O que define a dança em sua expressão artística é a capacidade do ser humano agir conforme seu ser intuitivo, isto é, sua capacidade de revelar-se sem barreiras, sem fixidez. Manifestar este estado mais avançado da consciência humana - o estado intuitivo. Viver a intuição na corporificação é desvelar o que há de mais belo no universo, revelando os seus segredos, as suas particularidades na forma criada. Assim, intuir e corporificar integram o binômio ética e estética, pois eduz os valores mais profundos da natureza humana, materializando-os em diversos níveis mentais, físicos e emocionais. Reverbera-se neste processo a beleza inerente e o bom como verdadeiro, condição de toda criação, cujo despossuir de todo condicionamento expressa este ilimitado.

Assim, transformar qualquer movimento do corpo em arte é penetrar na consciência profunda, envolvendo o âmago da materialidade mais densa em sua potencialidade como criação. Transformada em atos mais purificados, manifestando e intensificando o movimento como condição de existência num nível de integração com todas as especificidades. Portanto, este tipo de visão da dança permite com que haja superação de oposições cegas, dogmatismos e disputas egóicas, isto é, como revelação constante da criação e como agente de integração ilimitada entre todas as ações. Logo, viver a dança enquanto princípio do uno e do múltiplo é todo momento transcender concepções redutoras da dança, como por exemplo, vê-la como mero objeto de entretenimento. Por conseguinte, neste estado de dimensão da dança, ela é o meio que permite a penetração na origem de todas as coisas, um processo de purificação, cujo objetivo máximo é a autorrealização. A dança, como autorrealização, é uma união entre o ser bom e o ser belo.

Pode-se ainda destacar como resultante do princípio do uno e do múltiplo outro fundamento que se define como o princípio da corporeidade. Pois esta é una e múltipla em si mesma, como decorrência da intuição e da corporificação, do infinito e do finito. O princípio do uno é imanente e transcendente ao corpo e é esta imanência que permite a todos os aspectos do corpo estarem integrados entre si. Por isso, a corporeidade em si mesma é una e múltipla. A corporeidade deve ser conhecida e pesquisada como campo de manifestação do ser. Campo, este aqui, concebido numa visão orgânica, numa visão holística entre seus aspectos. Deste modo, transcende-se a visão pluralista de abordar os fenômenos de forma isolada, sem uma visão do uno. Também se transcende a visão panteísta, ou seja, uma visão que coloca no mesmo plano o infinito e o finito, contrariamente a visão monista, na qual o uno tem a primazia sobre os versos, como fonte geradora dos vivos, assim como a concebe Huberto Rodhen em suas obras. O estado criador é a fonte geradora dos fenômenos, enquanto causa primordial, em suma, o valor essencial sobre os fatos criados, sejam estes abordados segundo as diferentes óticas das diferentes ciências.

De todo o exposto, podemos extrair algumas premissas: a dança, como linguagem artística, precisa mergulhar nas potencialidades corporais, integrando nos seus diferentes processos, amplos aspectos mentais e emocionais. Compreender a fisicalidade humana em suas potencialidades é transformar a inércia em devir, revelando na forma sua potência. Potência esta causadora de toda ação, de toda transformação. Assim, deve-se conhecer este princípio da corporeidade e suas premissas para que a dança como linguagem artística seja condição da plenitude.

Dentro destas premissas, o princípio da corporeidade pressupõe que o espaço / forma se expressa na figura humana e ao mesmo tempo revela o uno e o múltiplo em si mesmo. A forma humana reforça, dá suporte à afirmação de ser a dança una e múltipla, una e diversa em suas emanências, porque o princípio da unidade e da diversidade, ou da identidade e da alteridade, é inerente à própria fisicalidade. Porque apesar da figura humana ser uma enquanto representação do humano, ela é múltipla nas diversas possibilidades de relações estruturais de sua conformação.

Se o princípio da unidade e da diversidade é inerente à figura humana na sua individualidade, este princípio se reverbera na relação com outros indivíduos, com outros seres, seja no ambiente natural, seja no ambiente construído. Portanto, nesta concepção de dança, a relação entre as diferenças, entre as apresentações dos corpos (individual, grupal, ambiental, natural e construído) é condição *sine qua non* para a própria formação do conhecimento e, portanto de sua *práxis*, revisitando constantemente o princípio da identificação e da diferenciação.

Se no aspecto da fisicalidade, encontramos-la una e múltipla no universo, isto se dá também no pensamento e na emoção. Pressupor estes diferentes aspectos é compreendê-la como condição necessária a um corpo de conhecimento e às suas diferentes *práxis*. Por este motivo, a dança como linguagem artística deve investigar e dar sustentação aos princípios que abordam a corporeidade de modo amplo e inesgotável. Conhecimento este que deve dar suporte à manifestação do fluxo na forma. Daí ser necessário buscar o vazio como condição *sine qua non* de se criar o novo, estabelecendo eixos que resgatem o discernimento sem fixidez. Trata-se de um discernimento amplo, aberto e que estimula a desconstrução constante de um movimento particular. Investigação constante, uma espécie de pensamento originário. Assim também, o campo emocional torna-se transparente, disponível para o dar e o receber num processo constante de interação.

Assim, podemos propor como eixo de conhecimento, algo que parta do simples, que compreenda a dança a partir do simples. Este princípio é bem conhecido: a dança é qualidade em qualquer ato, ou seja, isto significa que ela deve ser compreendida nos movimentos mais simples do corpo. Da simplicidade podem-se criar práticas e relacioná-las: do simples pode-se criar a complexidade. Entretanto, isto não implica que a compreensão do todo de uma dança se faça pela composição de vários elementos. O todo é intuição pura e profunda, expressão em ato, é criação se revelando em forma. Portanto, é preciso mudar o paradigma de que a dança é um somatório de movimentos agregados entre si, combinados entre si, gerando seqüências.

Esta visão de dança exige uma visão correlata de universo, de homem, de corpo, enfim, uma mudança de valores. É uma mudança de como qualificar a ação na dança como arte. Esta ciência da dança não pode deixar de envolver o conhecimento amplo dos fenômenos e sua devida *práxis*, e, também, a transformação da compreensão do processo de corporificação.

Desta forma estabelece-se uma dimensão do belo. Belo não é o que é apenas aprazível aos sentidos, mas é o profundo estado de conexão com a nossa essência primordial, que traz valor e qualidade a toda ação. Não fica assim, o belo condicionado a uma cultura, a uma tradição, sujeito, portanto, às regras da estética em sentido tradicional. A corporeidade una e múltipla pode ser olhada a partir de diferentes enfoques – referenciais. Estes referenciais também têm o objetivo de diminuir a tendência de construir o pensamento por dogmas, tornando absoluto o particular. A corporeidade, do ponto de vista de movimento, no seu aspecto de espaço e de forma, de temporalidade e de dinâmica torna-se, então, o núcleo central de geração do conhecimento na dança. Por isso, uma das principais premissas da dança é compreender que a

corporeidade está em movimento. Não há estaticidade na corporeidade. O corporificar é um princípio eterno que se apresenta em corporeidades múltiplas que se transformam em cada instante, porque é devir, porque no infinito não existe fixidez, sendo o fluxo incessante, a potência em dínamo gerador, inesgotável.

Uno em diverso. Este movimento é a condição *sine qua non* da existência humana. Todavia, o vazio é sem movimento. O infinito é imóvel. Quanto mais estivermos concentrados em nosso uno, mais imóveis nos tornamos. E quanto mais imóveis nos tornarmos no vazio, maior capacidade adquiriremos de criar o múltiplo. Por mais paradoxal que pareça, o infinito está para além da dualidade, da bipolaridade.

No infinito está o princípio de todas as coisas e, deste modo, nosso pensamento se coaduna também com o pensamento oriental, seja do *Bhagavad Gîta*, seja do *Tao Te King*. Para qualificar a nossa ação em movimento, precisamos nos despossuir do próprio movimento. E é nesta relação entre imobilidade e mobilidade, entre movimento potencial e movimento liberado, entre silêncio e vibração, entre o vazio e a forma, entre a potência e as potencialidades, entre o eterno e o temporal que o homem pode expressar a sua dança enquanto qualidade e quantidade, enquanto ser e devir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUROBINDO, Sri. **Le yoga de la Bhagavad Gîtâ**. Nouvelle version commentée. Adaptation française de Philippe B. Saint-Hilaire. Pondichéry: Tchou, 1969.
- BADIOU, A. A dança como metáfora do pensamento. In: **Pequeno Manual de Inestética**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 79-96.
- CAPRA, F. **Le Tao de la physique**. Paris: Tchou, 1979.
- DUNCAN, I. **Minha vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- EINSTEIN, A. **Escritos da maturidade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FERNANDEZ, C. **O corpo em movimento**. O sistema Laban/ Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Anablume, 2002.
- FICHTE, J.G.; SCHELLING, F. Von. **Escritos filosóficos**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores).
- FOSTER, J. **The Influences of Rudolf Laban**. London: Lepus, 1977.
- GIL, J. **Movimento total**. O corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GOSWAMI, A. **O universo autoconsciente**. Como a consciência cria o mundo material. Tradução de Ruy Jungmann. São Paulo: Aleph, 2007.
- HEISENBERG, W. **A parte e o todo**. Encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- JOUBAUD, C. **Le corps humain dans la philosophie platonicienne**. Etude à partir du Timée. Préface de Luc Brisson. Paris, Vrin: 1991.
- LABAN, R. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

- LAO TSE. **Tao Te King**. Tradução, prefácio e notas de Antonio Melo. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- LOCHAK, G. **La géométrisation de la physique**. Paris : Flammarion, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. **La nature**. Notes. Cours de Collège de France. Etabli et annoté por Dominique Séglaard. Paris: Seuil,1995.
- NÖEL, E. (Org.). **As ciências da forma hoje**. Tradução de Cid Knipel Moreira. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- OSTROWER, F. **A sensibilidade e o intelecto**. Visões paralelas de Espaço e Tempo na Arte e na Ciência. A Beleza Essencial. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PLATÃO. Timeu. In: **Diálogos**. v. XI. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986.
- RIBON, M. **A arte e a natureza**. Ensaios e textos. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- RODHEN, H. **Filosofia da arte**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- _____. **O Homem**. São Paulo: Martin Claret, 2007.